

Corpo, protagonismo e destino

Jiane Carvalho

Ciclo II - Terça-feira

1- Introdução

A construção da sexualidade, processo singular marcado pela força da subjetividade, está diretamente ligada a elementos da cultura dos povos, suas expectativas e normatizações, mas em nenhum momento se sujeita a eles. As estruturas formadas na psique humana, responsáveis pelo desejo sexual, não se encaixam nos modelos socialmente transmitidos intergerações. Mas travam, internamente, uma batalha entre as expectativas exteriores e as necessidades interiores, lapidadas ao longo da trajetória de constituição do sujeito. Heterossexualidade, monogamia, o caráter genital das relações sexuais são conceitos de normalidade artificialmente construídos.

O ser sexual é um ser partido, dividido entre os valores socialmente transmitidos e o que emerge das próprias interpretações acumuladas ao longo de sua trajetória, que resultou em uma estrutura única, sui generis, de pulsão sexual. A passagem do Édipo, com as formas singulares de incorporação da Lei do Pai, é determinante neste processo de modelagem da libido, entendida como manifestação da pulsão sexual na vida psíquica. Outro elemento relevante, foco central deste trabalho, é a relação com o próprio corpo físico – ou com a imagem que se tem dele. Processo cujas bases precedem a fase edipiana e pode sim ser determinante na forma como a Lei será assimilada pelo sujeito. Um elemento comum nas civilizações ocidentais clássicas, que acredito ocupar espaço relevante na estruturação da libido, é a ocultação do corpo, mais precisamente dos genitais.

2- O véu que nos instiga: bonecos assexuados

“Inapropriado, desnecessário para crianças” foram os termos mais utilizados por clientes da loja norte-americana Toys ‘R’ Us para descrever a indignação com um boneco posto à venda, considerado excessivamente realístico. O boneco ‘Diaper Boy Doll’ além de chorar quando quer trocar a fralda tem um pênis, o que provocou protestos dos frequentadores da loja. O que chama a atenção é o fato de a presença do pênis no brinquedo – desprovido de qualquer apelo sexual – ser entendido pelos adultos como inadequado. A ideia de que a exposição de órgãos genitais em brinquedos para crianças é nociva conta com forte apelo na maioria das culturas. Independentemente da origem desta crença, a ocultação dos corpos para as crianças tem papel relevante na constituição do sujeito como ser desejante, do ponto de vista sexual. Uma das hipóteses deste papel na estruturação da libido do sujeito passa pelo reforço da ameaça de castração.

Do ponto de vista da psique, a ocultação dos genitais – cujo discurso corrente vai na direção de evitar um interesse sexual precoce – pode ter um efeito contrário ao desejado e ajudar na pavimentação do caminho para o despertar da libido. Em Três Ensaio sobre Sexualidade e Outros Trabalhos (volume VII, página 148), Freud afirma que “A impressão visual continua a ser o caminho mais frequente pelo qual se desperta a excitação libidinosa, e é com a transitabilidade desse caminho – se é que esse tipo de consideração teleológica é permissível – que conta a seleção natural ao fazer com que o objeto sexual se desenvolva em termos de beleza. A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas,

mas que pode ser desviada ('sublimada') para a arte, caso se consiga afastar o interesse dos genitais e voltá-lo para a forma do corpo como um todo". A forma única como cada sujeito-criança interpreta esta ausência de genitais nos bonecos – e registra esta ausência no seu imaginário – é um dos fatores constitutivos do futuro ser impregnado de libido. O efeito da ocultação dos órgãos genitais às crianças, longe de impedir um desenvolvimento sexual precoce, é parte integrante do cenário de estruturação da libido ao reforçar a curiosidade que desperta o interesse e leva ao desejo. É da falta que nasce o desejo.

Outra hipótese é que a ausência de genitais nos bonecos pode ter o efeito de reforçar a ideia da castração. Ao funcionar como um elemento de ligação da criança com o meio externo, ou com a realidade externa a ela o que inclui todas as fantasias típicas desta fase de desenvolvimento, os bonecos sem genitais também constituem um elemento adicional na estrutura psíquica. Nos meninos, pode reforçar a ameaça de perda do pênis, da castração, enquanto nas meninas apenas confirmaria esta hipótese. É, portanto, um elemento cultural comum ao cotidiano das crianças e que não passa incólume como alvo da interpretação infantil sobre a existência de um corpo que marcadamente masculino ou feminino que, no entanto, aparece assexuado/castrado na forma de brinquedo.

3- Heterossexualidade: a escolha do objeto

A heterossexualidade como norma padrão – ideia cujas raízes estão apoiadas na questão biológica marcada pela necessidade de perpetuação da espécie –

não tem qualquer respaldo quando analisada com base nos conceitos psicanalíticos ligados à instalação da libido. Se sustenta como conceito de normalidade também com base em preceitos religiosos e culturais, abordagens que não são alvos deste trabalho. O ser do ponto de vista psíquico, local onde se constitui a libido, nasce indefinido. Em seu estado pré-objetal, ainda não tem consciência de seu todo corporal e só ao longo de seu desenvolvimento passa a reconhecer o seu corpo como algo integral. Ao longo da primeira infância, percorre a trajetória que definirá seus objetos de desejo, utilizados para o manejo de pulsões, por meio das próprias interpretações da realidade e dos elementos que o cercam. Mas a existência de um corpo marcadamente feminino ou masculino, antes mesmo de sua constituição autônoma fora do corpo da mãe, já o pré-define. O sujeito nasce de fato no desejo dos pais, nas suas expectativas e, bem cedo, no discurso que fazem sobre ele. A existência de um corpo masculino ou feminino – e, portanto, no discurso constitutivo sobre este novo ser – já o instala no meio que o acolhe como complemento ao sexo oposto, heterossexual. É a força deste desejo, muito mais do que da transmissão verbal de valores morais, que sustenta a tese de normalidade na escolha de um objeto do sexo oposto.

Há uma clara divisão entre a transmissão destes valores e normas de comportamento e a forma como a libido se estrutura no sujeito, muitas vezes recalcada pelo superego como elemento de controle das pulsões, uma herança cultural da qual nem todos conseguem manejar da forma mais adequada ou menos traumática possível.

A teoria freudiana, ao transformar em objetos de estudo os não heterossexuais, colocando sob o mesmo título de perversos quanto à escolha do objeto

homossexuais, pedófilos, zoófilos, transexuais e sadomasoquistas, tem como efeito colateral contribuir para a ideia de anormalidade destas formas de manifestação sexual. A heterossexualidade – tão constituída ao longo da primeira infância quanto a homossexualidade – não goza do mesmo status de objeto estudo teórico. Há diferença nas estruturas psíquicas que conduzem a escolha de um ou outro objeto libidinal, mas o ponto comum deste desenvolvimento reside na passagem pelo Édipo, núcleo tanto das neuroses quanto das perversões. É na forma de assimilação da Lei do Pai que se orienta a escolha do objeto, segundo a teoria freudiana.

Na estrutura Perversa, conforme Freud foi avançando em sua teoria, prevalece a hipótese de desvio ou negação (recusa) do caráter genital das relações sexuais como determinante para o grupo dos perversos. Toda criança, portanto, ao se auto satisfazer sexualmente, também pode ser considerada perversa, necessitando de um amadurecimento sexual para que deixe esta fase do desenvolvimento. Ao longo de seu exercício teórico, Freud acrescenta outros elementos na análise dos pervertidos, particularmente os homossexuais, como a escolha narcísica de objeto. O conceito de recusa aparece como um mecanismo normal da construção da sexualidade, que posteriormente é superado, a castração aceita e os desejos incestuosos, juntamente com os desejos de completude, sucumbindo ao recalque. No entanto, nos perversos, o que ocorre é a não aceitação da castração edipiana. O perverso não aceita ser submetido às leis paternas e, em consequência, às normas sociais. Ele escolhe se manter excluído do Complexo de Édipo e passa a satisfazer sua libido sexual consigo mesmos (narcisismo). Por isto, a escolha do objeto sexual do mesmo sexo, à sua semelhança.

O embrião a partir do qual se inicia o desenvolvimento sexual de todos os sujeitos, heterossexuais ou homossexuais, é o mesmo. É a existência de corpos masculinos e femininos – e todos os pressupostos de normalidade atrelados a este corpo e suas funções biológicas, e transmitidos entre as gerações – que limita uma maior compreensão inclusive dos fenômenos que constituem os sujeitos com escolhas objetais do sexo oposto. É como se a anatomia fosse o destino. A pouca atenção aos mecanismos de formação da heterossexualidade é fato reconhecido pelo próprio Freud. “Assim, do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado pois não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração, afinal de natureza química.” (Freud-Três Ensaio sobre Sexualidade e outros Trabalhos, Volume VII).

4- Transexualidade: o corpo como protagonista

O corpo, e a necessidade de sua adequação ao sujeito psiquicamente constituído, ganha lugar de protagonismo na transexualidade. Embora a primeira cirurgia oficialmente comunicada seja recente, tendo ocorrido nos anos 50 na Dinamarca, há relatos na mitologia greco-romana, de fontes literárias e antropológicas, de pessoas que optavam por se vestir com trajes do sexo oposto, alegando que estava mais ‘adequado’ ao que eram. Novo, portanto, é apenas a possibilidade de mudar de sexo cirurgicamente ou de ressaltar certos caracteres secundários com hormonoterapia. Diferente do que ocorre com os travestis – em que a manutenção do pênis chega a ser desejada, já que parte do jogo sexual está na mistura dos gêneros e no jogo de revela e oculta – para o transexual o corpo é que está errado.

Se, contudo, é o desejo dos pais que insere o sujeito no mundo, no caso dos transexuais cabe indagar que imagem ele vê refletido no espelho? O corpo do bebê precisa ser atravessado pela linguagem para que se torne sexuado, simbólico, mas nos estágios iniciais a criança é apenas uma projeção dos desejos dos pais. Se perceber menino ou menina, portanto, também passa por esta relação parental nos estágios iniciais de desenvolvimento da psique.

Das teorias sobre as manifestações da sexualidade, talvez as que suscitem mais dúvidas e controvérsias sejam as relacionadas à transexualidade, até pela força da dissociação entre mente e corpo que abre espaço para toda sorte de interpretações. As teorias freudianas, sobre o transexualidade como inserido no contexto das Perversões, foram questionadas pelo psiquiatra e psicanalista americano Robert Stoller.

Para Freud, a sexualidade é fálica e, no princípio, todos somos meninos (castrado ou sob a ameaça de sê-lo); o sexo “natural” é o masculino. Para Stoller, a libido é feminina por excelência e a masculinidade deve ser construída. Com base neste pressuposto, Stoller afirma que devido à “feminilidade primordial” é muito mais difícil tornar-se homem do que mulher, pois o menino tem que se desidentificar com a mãe. O excesso de identificação com a mãe, uma espécie de simbiose física com a mãe, seria um dos pressupostos do transexualidade.

Stoller chegou a descrever condições necessárias para que um menino se torne transexual: mãe depressiva e com um desejo parcialmente suprimido de ser homem, intenso laço simbiótico com o filho e a não intrusão paterna. Portanto, na teoria de Stoller, o menino não entra no conflito edípico, fica preso

àquela identificação inicial com a mãe e forma-se o núcleo de identidade de gênero feminino e a masculinidade não se desenvolve.

Jacques Lacan, no Seminário 8, faz uma referência crítica a Stoller. Na teoria lacaniana, é a partir do campo do simbólico (e não do imaginário, como afirmava Stoller), que o sujeito pode se confrontar com a diferença sexual e se posicionar de um dos lados na partilha dos sexos, homem ou mulher. Para Lacan, na psicose e na transexualidade, o Nome-do-pai é foracluído. Com isso, o transexual, a quem a castração simbólica é impossibilitada, tenta se inscrever do lado homem ou do lado mulher a partir duma intervenção no real do corpo.

Qualquer que seja a teoria, os caminhos psíquicos que levam o sujeito a se constituir transexual estão ainda longe de serem revelados. Em nenhuma outra manifestação da sexualidade o corpo – ou a imagem que se tem dele - parece empoderar-se com tamanha força. O transexual não tem dúvida sobre o equívoco marcado em seu corpo, ponto comum nas análises clínicas. Ao contrário, ele anseia pelo ajuste que vai inseri-lo formalmente no gênero a que já pertence.

5- Conclusão

O corpo como instrumento de manejo das pulsões, como pré-condição simbólica ou imaginária para estas manifestações ou mesmo como alvo de uma necessária adaptação ao que se ocupa um espaço relevante na constituição do sujeito. O caminho a ser percorrido pelo sujeito desejante para sua estruturação psíquica começa a ser pavimentado no desejo dos pais – pré-moldado pela ideia de masculino e feminino – passa por sua inserção na

cultura, também com pressupostos de conduta e expectativas calcados nas experiências da imagem corporal, e se encerra na escolha de objetos libidinais adequados à leitura extraída deste percurso.

Referências bibliográficas:

1- Freud – *Além do Princípio do Prazer* (1920) Volume XVIII

2- Freud – *Três Ensaio sobre Sexualidade e Outros Trabalhos*

(1901 – 1905) Volume VII

3- Laplanche & Postalis – *Vocabulário de Psicanálise* (2011)

4- Robert Stoller – *Masculinidade e Feminilidade – Apresentações do*

Gênero